



GENERAL COSTA GOMES NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA



NA PASSADA SEGUNDA-FEIRA, O GENERAL FRANCISCO DA COSTA GOMES TOMOU POSSE DO CARGO DE PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA

Das palavras que dirigiu à Nação, transcrevemos as seguintes:

Quanto ao curso da democratização do País, se nem sempre tem sido possível evitar desvios a quem aprende o caminho da liberdade autêntica, creio que poderemos continuar a perguntar-nos se outra revolução no mundo soube ser simultaneamente tão profunda e tão pouco marcada por sangue, por dores ou por atentados graves ao civismo.

Há muito a melhorar e a corrigir; pois todos unidos nós o faremos.

Nenhum português que ama o Povo a que pertence ignora hoje que o trabalho, a ordem e a unidade são os marcos essenciais que garantem as liberdades democráticas e o respeito pelos direitos fundamentais do homem.

Em política, como em tudo na vida, quem planeia a longo prazo tem menos que se preocupar com o patamar em que se apoia do que com a tendência ascendente a imprimir ao fenómeno.

Estaremos todos unidos para trabalhar e progredir, sempre melhores, sempre mais disciplinados e conscientes do que no dia anterior.

Resta-me agora, perante a Nação, definir algumas linhas mestras do meu pensamento quanto ao nosso futuro imediato.

No plano geral, saberemos interpretar as leis constitucionais em vigor, onde são essenciais os pontos do Programa do Movimento das Forças Armadas.

Saberemos todos criar as condições sociais que permitam ao Povo escolher as suas instituições políticas dentro do conceito basilár

(Conclui na página 2)

Do discurso de 10 de Setembro à manifestação da « Maioria Silenciosa »

No dia 10 de Setembro, a propósito do reconhecimento por Portugal da independência da República da Guiné-Bissau, o Chefe do Estado, general António de Spínola, fez uma comunicação ao País, em que afirmou:

« Nas sociedades humanas verdadeiramente democráticas, as transformações devem ocorrer sem saltos bruscos nem convulsões, que contêm em si próprias o germe de novas ditaduras, da direita ou da esquerda. A maioria silenciosa do Povo Português terá pois de despertar e de se defender activamente dos totalitarismos extremistas que se digladiam na sombra, servindo-se das técnicas bem conhecidas de manipulação de massas para conduzir e condicionar a emotividade e o comportamento de um povo perplexo e confuso por meio século de obscurantismo político. Mas a consentir-se em clima anárquico de reivindicação incontrolada, em nítida ultrapassagem das responsabilidades aos diversos níveis e em clara usurpação de direitos alheios, o País mergulhará no caos económico e social, que só a sectores minoritários poderá aproveitar. »

Refira-se, de passagem, que a expressão « maioria silenciosa » não é da au-

toria do general António de Spínola. Foi utilizada pela primeira vez por Nixon na sua última campanha para a presidência dos Estados Unidos. Nixon pretendia opor as tendências conservadoras ou reaccionárias de uma parte da população norte-americana àqueles que se batiam pelo fim da guerra no Vietname, pela igualdade racial e pela prática efectiva das liberdades democráticas.

A MANIFESTAÇÃO DA « MAIORIA SILENCIOSA »

O apelo do general António de Spínola não tardou a ser desvirtuado por elementos reaccionários interessados no regresso ao fascismo ou que pretendem refrear o processo de democratização em que o País está empenhado.

Na madrugada do dia 19, um numeroso grupo, que se deslocava em automóveis, colou nas ruas de Lisboa os cartazes que os jornais se haviam recusado a publicar. No mesmo dia, avionetas lançaram os mesmos cartazes sobre os arredores da capital, em Coimbra e em outras zonas do País.

(Continua na pág. 2)

A « venda » de 100 armas permitiu penetrar na rede conspiratória

SABADO, 28 poderia ter sido o grande dia da « maioria silenciosa ». Tudo tinham preparado para isso. Cartazes colados e distribuídos aos milhões, de helicóptero e não só, « slides », e filmes, muitas camionetas alugadas já com pessoas dentro para fazer número e — sobretudo — um paciente e prévio matraquear ideológico das populações de província menos preparadas através da Imprensa local e da autoridade pessoal dos notáveis da terra.

Em Lisboa, também, se assistiu ao longo de um mês e tal à invasão dos « slogans » direitistas que preparavam o caminho para a grande escalada. Era dia 28, chegara o dia.

Tudo tinham preparado e não só para isso. Não era só de manifestação que se tratava. Tratava-se de, armando os seus adeptos (com muitas armas já importadas e uma encomenda de mais 40000 já feita), exaltando os ânimos, levar a um afrontamento de forças — Povo-MFA — que servisse os seus planos, nos quais se incluía o atentado contra o General Spínola (parece que durante a manifestação), talvez apresentado depois como vítima da violência da esquerda.

Tratava-se de um vasto e preparadíssimo plano. Os primeiros sinais surgiram logo a seguir ao 25 de Abril e o recém-formado Serviço de Informações Militares não os deixou passar despercebidos. « Com a colaboração dos elementos populares que foi imensa desde o princípio, chegavam até nós informações de toda a espécie », acentua um responsável do sector. Ia-se sabendo de reuniões que indivíduos suspeitos faziam pelo País, ia-se notando a facilidade com que se fazia movimentação nas fronteiras e passavam materiais que até então nunca tinham passado, ia-se seguindo os contactos de determinados indivíduos com o estrangeiro, ia-se estando atento à direcção do fluxo dos capitais, ia-se sabendo de fugas dos mesmos para o estrangeiro, ouvia-se falar em armas. Sobre tudo isto, afluíam notícias de informadores diversos que iam bater todas as portas ou menos nos mesmos pontos. Ou nas mesmas pessoas. E começou-se a ligar. Facto com facto, factos com pessoas, pessoa com pessoas.

Virá, com efeito, a propósito relembrar diversos factos já relatados pela Im-

(Continua na pág. 5)

FIM DE SEMANA • 71

Tanto quanto a memória, que vai decaindo, me deixa remontar ao passado, lembro Coimbra em 1932-1937, a Coimbra então ainda (bem ou mal) arreligada às tradições e praxes académicas, que teriam muito de fora de moda, de anacrónico, mas que permitiam que o espírito e a solidariedade académica fossem realidades a marcar pela vida fora gerações sucessivas.

Nada nos dividia então — ideologias filosóficas, posições políticas, conceitos sócio-económicos, pensamento religioso; cada um mantinha a sua maneira de pensar, discutia-a, mas respeitava a dos outros; nas eleições académicas lutava-se arduamente em campos adversos; mas o respeito mútuo e o espírito de solidariedade académica mantinham as amizades vivas.

Saídos de Coimbra, espalhados na vida, distantes pelas obrigações dispersos no país a fé nos companheiros mantinha-se; e até hoje, para os que sobrevivem, a amizade é a mesma, embora as posições sociais divirjam imenso, conforme o valor e as opções de cada um, as ideologias, as crenças continuem a divergir e em muitos tenham evoluído por forma, em alguns casos, a cair no campo diametralmente oposto.

Por certo hoje é bem diverso o espírito académico coimbrão. Ou melhor, não existe, pelo menos naquela amplitude e beleza antigas. Já se cavam fossos irremediáveis. Uns a um lado, outros a outro, detestam-se, menosprezam-se. E

(Conclui na pág. 4)

Palavras do novo Presidente da República

(Conclusão da pág. 1)

de democracia pluralista, único que garante espaço para projecção da verdadeira dimensão da dignidade humana.

No processo de descolonização tudo faremos para respeitar os legítimos interesses das populações locais, procurando o justo equilíbrio na criação das condições de fraternidade, de respeito mútuo e de amizade que substituirão laços anteriores historicamente ultrapassados. Timor, São Tomé e Cabo Verde serão problemas diferenciados, cuja única constante é a garantia de que a consulta das populações, livremente expressa, terá papel decisivo no curso do processo.

Quanto a Moçambique, iremos respeitar com meridiano rigor os compromissos assumidos nos acordos de Lusaca.

Angola tem as coordenadas fundamentais desta fase do processo já definidas pela Junta de Salvação Nacional a que pertencem e com as quais me identifico plenamente.

Conforme já foi aceite nas Nações Unidas, Macau tem um estatuto especial.

Ao entrar agora nos aspectos da política externa, desejo fazer uma referência a um novo país da comunidade internacional, à Guiné-Bissau. Procuraremos desenvolver em termos de respeito e interesses mútuos todos os laços políticos, económicos e culturais, que os dois povos entendam por bem.

Em relação à sociedade internacional continuaremos a garantir o respeito pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, sem interferências nos assuntos internos de outros países.

Respeitaremos os tratados internacionais em vigor, nomeadamente o da O. T. A. N., bem como os compromissos comerciais ou financeiros a que nos vinculámos.

O espírito da nova constituição permitir-nos-á reforçar laços com os países amigos, e negociar o estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os países do mundo.

Os laços históricos facilitar-nos-ão reforçar a comunidade luso-brasileira, renovar as relações com os países do Terceiro Mundo, com os países árabes e outros de que nos encontramos afastados.

Desejaria terminar com uma palavra de tranquilidade.

Deixo-vos a certeza de que as Forças Armadas, militares e militarizadas, se estão integrando rapidamente no espírito novo e vão-se tornando mais aptas a garantir ao Governo Provisório e ao Povo o clima de ordem e liberdade porque ansiamos para nos dedicarmos ao trabalho com a certeza de que vamos constituir um futuro melhor, mais justo, mais democrático.

Cartório Notarial da Feira

1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira a cargo do notário licenciado Alfredo Bosch da Graça.

Certifico que de fls. 49 v. a 51, do livro B 1008, de escrituras diversas, do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Feira, a cargo do notário licenciado Alfredo Bosch da Graça, foi constituída em 30 de Agosto de 1974, uma sociedade comercial por quotas, sob a firma «Armando Teixeira da Silva & C.ª Lda.», nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Armando Teixeira da Silva & C.ª Lda.», tem a sua sede e estabelecimento no lugar de Barros, da freguesia de Silvalde, do concelho e cidade de Espinho, durará por tempo indeterminado, a contar do dia 1 do próximo mês de Setembro;

2.º — O objecto social consiste na exploração da indústria metalúrgica de fundição de metais, e seus acabamentos, e no de qualquer outro ramo comercial ou industrial em que os sócios acordem;

3.º — O capital social é de 500 000\$; divide-se em duas quotas, sendo uma de 450 000\$, do sócio Armando Teixeira da Silva, e uma de 50 000\$, do sócio Fernando António Resende da Silva;

4.º — Aos sócios poderão ser exigidas prestações suplementares de capital, mas só depois de isso ter sido resolvido por unanimidade deles, em assembleia geral;

5.º — O capital acha-se integralmente realizado em dinheiro;

6.º — O sócio Armando fica autorizado a dividir a sua quota e a cedê-la em parte ou na sua totalidade;

7.º — A gerência da sociedade fica afectada a ambos os sócios, com dispensa de caução, e com remuneração ou sem ela, conforme for deliberado em assembleia geral;

8.º — Qualquer dos sócios poderá assinar nos actos de mero expediente e nos de constituição de mandato judicial; nos outros actos e contratos que envolvem responsabilidade para a sociedade, sem restrição alguma, é bastante a assinatura do sócio Armando; este poderá delegar no seu consócio ou noutrem, todos ou parte dos poderes que aqui lhe são cometidos, por meio de procuração, valendo a assinatura do mandatário, tanto quanto valeria a do mandante, se isso constar do título constitutivo do mandato;

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

§ único — Deixando de ser gerente o sócio Armando, ficará investido de todos os poderes aqui cometidos àquele, o gerente Fernando;

9.º — Aos gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos e contratos que directamente não digam respeito a actos sociais, designadamente letras de favor, fianças, abonações e outras responsabilidades semelhantes;

10.º — A sociedade poderá dissolver-se pela simples vontade de qualquer dos sócios;

11.º — Ocorrendo o falecimento de qualquer sócio, a sociedade continuará com o sobrevivente ou capaz e a viúva e herdeiros do falecido e o representante do interdito, devendo aqueles nomear um, de entre si que a todos represente, enquanto a quota se mantiver indivisa;

12.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de carta, com aviso de recepção, e a antecedência mínima de oito dias, sempre que a lei não prescrever qualquer formalidade especial;

13.º — O gerente Fernando fica autorizado a intervir, em nome da sociedade, em qualquer contrato em que ela figure como concessionária, assinando para o efeito tudo o que for necessário, tratando como melhor entender.

Está conforme, nada havendo na parte omissa que amplie, restrinja, condicione ou modifique a parte transcrita.

Feira, 6 de Setembro de 1974.

O ajudante da Secretaria
José Soares de Amorim

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
P O R T O

NOITE DE VIGILÂNCIA POPULAR

Na noite de 27 para 28 de Setembro, ficou assinalado em todo o país pela mobilização de milhares de pessoas que, colocadas nos pontos nevrálgicos do acesso à capital, fizeram em união com as F. A.'s ruir um gigantesco golpe fascista.

Em Espinho, cidade colocada fora dos pontos chave, a acção de vigilância foi desenvolvida essencialmente em torno de dois pontos:

— Evitar qualquer acção provocatória na cidade ou seus arredores;

— Desmobilizar qualquer grupo excursionista que se dirigisse a Lisboa.

Nesse sentido, dirigiram-se, no início da noite, brigadas para as principais entradas da cidade, iniciando uma acção de controlo, que teve a maior compreensão e foi facilitada pela maioria das pessoas que estavam já conscientes da gravidade da situação. Houve apenas um ou dois casos de resistência que, tornando-se suspeita, levou à tomada de atitudes firmes.

Ao romper do dia a acção pas-

saria a ser desenvolvida apenas no sentido de detectar qualquer saída para Lisboa.

Felizmente, das acções nada resultou. É, sem dúvida sintomático que isso se tenha verificado, como aliás se verificou em toda a zona litoral do distrito. A escumalha fascista que, um pouco por toda a parte, arrebanhou gente ingénuo e de boa fé (segundo um hábito antigo dos fascistas) para servir os seus inqualificáveis desígnios de violência, sabia que encontraria pela frente gente consciente, minimamente politizada, e nem tentou.

É necessário que se continue a responder, com uma UNIDADE crescente, com uma ORDEM inabalável, e com uma confiança no M. F. A., que se não deixem vencer por calúnias e boatos, e com uma vigilância firme que detecte e desmascare os boateiros e leve à pedra os caluniadores a soldo do dinheiro inesgotável (?) do capital fascista.

E, assim a reacção não passará!

C. I.

DO DISCURSO DE 10 DE SETEMBRO À MANIFESTAÇÃO DA «MAIORIA SILENCIOSA»

(Continuação da pág. 1)

Entretanto, a Imprensa reacção redobrava os seus ataques ao processo de democratização, através de uma violenta campanha anticomunista.

Se os meios de Informação, e em particular a Imprensa, denunciavam a intenção reacção que se estava a preparar a coberto da manifestação da «maioria silenciosa», os meios oficiais mantinham um silêncio que não deixou de perturbar a opinião pública.

As dúvidas que restassem sobre as intenções dos promotores da manifestação da «maioria silenciosa» desapareceram na quinta-feira.

No decorrer de uma corrida de touros na Praça do Campo Pequeno, o Presidente da República foi calorosamente aplaudido, enquanto o primeiro-ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, era vaiado. E foram secundados pela assistência gritos contra o Movimento das Forças Armadas e contra o processo de descolonização em curso.

Na sexta-feira, ao princípio da tarde, o gabinete do general Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, distribuiu um comunicado aos jornais em que apoiava a manifestação da «maioria silenciosa».

Também na tarde de sexta-feira, o

Conselho de Ministros reuniu em S. Bento. A reunião prosseguiu à noite, no Palácio de Belém, sob a presidência do general António de Spínola.

No decurso desta reunião, definiram-se duas posições antagónicas sobre a manifestação da «maioria silenciosa». Os membros do Governo defenderam a proibição da manifestação, dadas as intenções dos seus promotores. Ao contrário, o Presidente da República exigiu que fosse garantida a liberdade de deslocação de todos os que pretendessem participar na manifestação, considerada afirmação pública de apoio às linhas de orientação da sua política. O Chefe do Estado teria produzido, a propósito, um violento ataque ao Partido Comunista Português, que em seu entender recebe ordens do estrangeiro, e criticado acerbamente a posição da Imprensa em relação à manifestação da «maioria silenciosa».

Estas divergências de opinião sobre os propósitos e os perigos da manifestação da «maioria silenciosa» ameaçaram criar uma situação propícia à intenção fascista. Os acontecimentos que se desenvolveram na madrugada de sexta-feira e durante a manhã de sábado foram a resultante do cruzamento destas diferentes linhas de força.

(Do «D. L.»)

Quarto

Modesto. Pretende-se alugar, próximo da baixa, sem roupa, para homem solteiro

Resposta detalhada ao n.º 62

VENDE-SE

Prédio com quintal, com rua na frente e trazeiras, no cimo da rua 19 — a 150 metros do Liceu de Espinho

Trata o telef. 967722

Aluga-se Quarto

A Senhora empregada ou Professora. Pede-se e dão-se informações
Telefone n.º 921055

Almoce ou jante

no
Restaurante da Piscina

Aberto todo o Inverno — Preços especiais para Banquetes até 300 pessoas — Serviço permanentes até às 24 horas — Telef. 930153

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

DELINQUÊNCIA JUVENIL

Doi ter que relatar o que se segue. E doi porque os autores dos latrocínios são todos menores, pois o leque das suas idades vai dos 17 aos 19 anos. O que se esconde por trás destas atitudes? O que move estes jovens a procedimentos marginais? Há algo que seria necessário aprofundar nestes como em muitos outros casos que sucedem por todos os recantos, na nossa e noutras cidades, portuguesa e não.

O Sabino Amorim da Rocha tem 19 anos e a profissão de electricista. Mora em Ferradal, Fiães, Feira, onde nasceu. O seu parceiro de proeza tem 18 anos, é trolha, mora acidentalmente no mesmo lugar pois aqui estava vindo de França, e nasceu em Lourosa, Feira. Ambos foram apanhados em flagrante, pela P. S. P. e um civil, quando furtavam vários artigos no restaurante ONDA, onde se tinham introduzido, na noite de 25 para 26 de Setembro, depois de partirem o vidro de uma janela. Veio a descobrir-se que, com processo idêntico, tinham sido os autores de um roubo no restaurante CABANA. Segundo confessaram, tinham já efectuado outras «proezas» semelhantes em Portugal e em Espanha, havia dois «sócios» cuja identificação completa não foi possível conseguir, e já haviam planeado assaltar uma ourivesaria.

Não tinha profissão o José da Conceição Gomes, de 17 anos, residente em Barros, Silvalde. Era trabalhador o Fernando Rodrigues da Cunha Folha, de 18 anos, residente na casa 26 do Bairro Piscatório. Era polidor o Gastão da Silva Rodrigues, de 19 anos, vizinho dos anteriores, pois morava no mesmo local mas na casa 76. Todos foram presos na madrugada de 29 de Setembro pelo furto das motorizadas 2-OVR-60-29 e 2-VFR-47-13, cujo desaparecimento dera origem a queixas dos seus proprietários Manuel de Sá Fardilha, de Cortegaça, e António de Oliveira Marques, de Nogueira da Regedoura.

Todos estes jovens delinquentes foram entregues ao Tribunal da Comarca para (oxalá que pela última vez) prestarem contas das suas más cabeças.

AMANHÃ, DIA DE TRABALHO

Na sua primeira comunicação ao País após os últimos e quentes dias políticos de Setembro, o Primeiro Ministro apelou para que os portugueses, em sinal de alegria pela vitória obtida contra os movimentos reacçãoários, fizessem do dia de amanhã um dia de trabalho. Sabemos que isso vai acontecer em Espinho e agrada-nos muito informar que a primeira decisão surgiu de todos os servidores da Câmara Municipal, a indicar um caminho a todos os espinhenses.

Também sabemos que o Centro de Saúde funcionará amanhã.

Colabore para uma cidade limpa

E O LIXO CONTINUA...

Há dias, uma brigada de trabalhadores ocupou-se a prolongar o muro de vedação da Estação da C. P., ao fundo da Rua 19, encerrando, dessa maneira, a passagem de nível agora substituída por uma subterrânea.

Com a mão-na-massa foi pena que não se tivesse reconstruído e prolongado igual vedação a norte da Estação, ao longo da Avenida 8 até junto ao Cabana. Os terrenos da C.P. ficariam assim isolados da via pública e até se escondia o abandono a que aquela zona ferroviária está votada. Autêntica área baldia, com ferros e pedras a monte, lixo espalhado e ervas a crescer por todos os cantos. Tudo por ali em desalinho face-a-face com um espaço considerado de interesse turístico.

Senhores da C. P.: construam ali uma vedação para, ao menos, se disfarçar aquela vergonha.

Senhor Delegado de Saúde: defenda a cidade destas lixeiras, focos nocivos para a saúde pública.

GATO É NOTÍCIA

No nosso penúltimo número, em crónica da freguesia de Anta, o nosso correspondente contou um episódio passado com um gato, fazendo certas críticas aos Bombeiros Voluntários Espinhenses. Pessoa ligada a esta corporação veio procurar-nos, para relatar o que se passara. No momento do telefonema apenas se encontrava na sede a mulher do quarteleiro. Atendendo a sócia que solicitava os serviços dos bombeiros para tirar o pobre gato da situação difícil em que se encontrava, disse que logo que por ali aparecessem quaisquer bombeiros lhes poria o problema. Mas os bombeiros (que são voluntários, recordemos) só muito mais tarde apareceram e, como o apelo não havia sido repetido, considerou que o assunto já estaria resolvido e nada lhes disse. Aliás teve também o bom senso de não accionar a sirene pois já bem basta o alarme que provoca o seu estridular agudo quando qualquer acidente bem mais grave agita e alarma toda a cidade que tanto disso se queixa.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

Aos Senhores Feirantes :

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho saúda-vos muito cordialmente, e vem, por este meio, apelar para o vosso reconhecido Civismo, no sentido de uma perfeita colaboração com os funcionários municipais, a fim de poderemos vencer as dificuldades do momento.

Esta Comissão, para fazer face aos encargos financeiros, que aumentam diariamente, podia encarar a hipótese—sempre a mais fácil—de aumentar as taxas de ocupação do Terrado Municipal.

Prefere, contudo, esgotar todas as possibilidades de conseguir receita sem onerar o vosso orçamento.

Por isso começará por proceder a um controlo mais rigoroso do espaço ocupado por cada feirante, a fim de que cada um pague o espaço que realmente ocupa.

Senhores feirantes :

Os funcionários municipais cumprem ordens, que desejamos sejam livremente aceites por todos, e nesta convicção contamos com a lealdade dos Feirantes de Espinho.

Os nossos agradecimentos.

Espinho, 30 de Setembro de 1974.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho

RECITAL DE VIOLONCELO E PIANO

Na passada sexta-feira, dia 27, houve mais um recital, integrado no Festival de Música. Exibiram-se no Salão de Festas do Grande Casino de Espinho, os artistas Ramon Miravall (violoncelo) e Fernando Jorge Azevedo (piano). Pena foi que o público tivesse comparecido em número bastante reduzido a um concerto que se antevia de excelente qualidade, dados os excelentes e sobejamente conhecidos predados de ambos os executantes.

E realmente isso confirmou-se: em todo o recital foi permanente o diálogo entre os dois consagrados músicos. Ramon Miravall primou em dar intenção e expressão a cada frase, cada arcada e cada nota. No piano Fernando Jorge Azevedo fez impossíveis para concretizar em música todos os seus intentos, mediante um instrumento francamente em péssimas condições. Perante tão desanimador interdiário entre o seu génio musical e os auditores, o excelente pianista conseguiu ainda dar uma ideia ao público das qualidades que possui: sobriedade em toda a execução, técnica perfeita e uma leveza de articulação das notas impressionante.

A 1.ª parte foi constituída pela sonata n.º 1 em Fá Maior de Beethoven. E como elemento tipicamente betoveniano presente nesta sonata, notou-se a ausência de solo e acompanhamento em favor de uma melodia única que se distribui pelos dois instrumentos, fundindo-se num todo.

A 2.ª parte foi aberta com a belíssima Aria para a 4.ª corda de Bach, soberbamente interpretada pelo expressivo arco de Ramon Miravall. Depois ouviram-se peças de Popper, Vivaldi, Mozart, Ravel e Saint-Saens. De salientar a maravilhosa execução pelo duo da Siciliana de Vivaldi, um verdadeiro primor em expressão.

No final os dois artistas receberam merecidos e demorados aplausos da assistência, que, como já dissemos, não primou desta vez pela quantidade.

De lamentar a passagem de concertos que primitivamente se realizariam no Hotel Praia Golfe para o Salão de Festas do Casino, onde os artistas se vão sujeitar a um piano que pede desde há muito tempo uma reforma. O fim era tornar mais acessível os espectáculos ao público. Os resultados práticos foram bem explícitos: o público que costumava comparecer continua a fazê-lo e aquele que não se sentia atraído para tal género de espectáculos, permanece na mesma situação.

Assim cremos que o problema não se resolverá com uma simples mudança do local do concerto...

F. N.

DO HOSPITAL

Movimento hospitalar de 24-9 a 1-10-74

Internamentos gerais	62
Exames radiográficos	121
Crianças nascidas	16

Intervenções cirúrgicas

Cirurgia geral	11
Otorrino	21
Ortopedia	1
Obstetrícia	3

Serviço de urgência

Homens	204
Mulheres	178

Internados, entre outros :

Maria Costa Guimarães, de Guetim, em Ortopedia;
Balsamina Gomes Pinto, de Vila da Feira, em Obstetrícia;
Maria Alice Alves dos Reis, de Silvalde, em Obstetrícia;
Júlia Ascensão de Oliveira Santos, de Paços Brandão, em Obstetrícia.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 5 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Amanhã, domingo, 6 — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;
Segunda-feira, 7 — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;
Terça-feira, 8 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;
Quarta-feira, 9 — FARMÁCIA TELXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352;
Quinta-feira, 10 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Sexta-feira, 11 — FARMÁCIA PALVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, Sábado, 5 — OS REBELDES, com Milene Demongeot e Jean Duceppe — 14 anos.

Amanhã, Domingo, 6 e Segunda-Feira, 7 — AS ORDENS DE VOSELENCIA, com Cantiflas — 14 anos.

Terça-Feira, 8 — CASEI-ME POR ENGANO, com Charles Grodin e Cybill Shepperd — 18 anos.

Quinta-Feira, 10 — MÚSICA NO CORAÇÃO, com Julie Andrews — Para todos.

Sexta-Feira, 11 — O PIRATA NEGRO, com Terence Hill e Silvia Monti — 10 anos.

CASINO

Hoje, Sábado, 5 — EXCELSIOR A FÚRIA DO KARATE, com Lei Cheng Kun e Teng Mei Fang — 14 anos.

Amanhã, Domingo, 6 e Segunda-Feira, 7 — O DELICADINHO NA MARINHA, com Alfredo Landa — 10 anos.

Terça-Feira, 8 — MEMÓRIAS DE UMA ALCOVITEIRA, com Julien Mateos e Elisa Ramirez — 18 anos.

Quarta-Feira, 9 — A MULHER E O PATIFE, com Lino Ventura e Françoise Fabian — 18 anos.

Quinta-Feira, 10 — OS MALUCOS EM ESPANHA, com Les Charlots — 13 anos.

Sexta-Feira, 11 — O QUARTO AO LADO, com Bette Davis e Michel Redgrave — 18 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO :

Mónica Carla, filha de José Maria Rocha da Cunha e de D. Maria dos Anjos Henriques Pinto;

Pedro Miguel, filho de Joaquim Rodrigues dos Santos e de D. Maria de Fátima Rodrigues Almeida Santos;

Artur Carlos, filho de Alexandre Dias Rodrigues e de D. Ilda Santos Mendes Rodrigues;

Rute Paulina, filha de Diamantino de Oliveira Santos e de D. Maria Teresa Alves da Cunha Santos;

Silvia Maria, filha de Alberto Fernando Pereira e de D. Maria Gracinda José Pereira.

CASAMENTOS

Na Igreja de Grijó, José Oliveira da Silva com D. Maria Célia Reis Lima.

Na igreja de Anta, António Carlos Fonseca Belo com D. Nadir dos Reis Sá Couto.

FALECIMENTOS

Em Espinho, D. Adelina Rosa, de 89 anos, viúva de Gilberto Cardoso Pinto.
Em Paramos, Maria Alves Pereira Boia, de 33 anos, solteira.

Em Espinho, Avelino Moreira, de 73 anos, casado com D. Felisberta Pereira de Sousa.

Em Espinho, D. Belmira de Figueiredo e Vasconcelos, de 70 anos, viúva de Mário de Vasconcelos.

ALUGA-SE

UM OU DOIS QUARTOS

Em casa particular, de todo o respeito. A dois cavalheiros ou a duas meninas, estudantes ou professores.

Carta ao n.º 61

CASA PRECISA-SE para aluguer

com cozinha, 3 quartos, sala de jantar, quarto de banho, com ou sem garagem

Resposta ao Apartado n.º 36 ESPINHO

GRANDE

CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

MÚSICA DE BAILE

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

VARIEDADES

— IRENE BEL SHOW (Ballet Inglês)
— PEPE MARTINEZ (Trompeta de ouro)
— SUSAN JONES (Bailarina de sexy)
— SONIA (Cançonetista Portuguesa)
— MARY PIALY (Bailarina acrobata)

RESTAURANTE

Jantares concerto — Esmerado Serviço

SALÃO RESTAURANTE * SLOT-MACHINES

CINE-TEATRO • Sessões todos os dias •

TARDE INFANTIL

No Salão de Festas — Sábado, 5 de Outubro, 17,30

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS • ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDARua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO

Colabore
para uma cidade limpa

FIM DE SEMANA • 71

(Continuação da pág. 1)

tomaram as mais diversas formas de segregação, formando círculos fechados: filhos de licenciados em direito, filhos de licenciados em medicina, filhos de lavradores, filhos de comerciantes etc., e dentro de cada grupo, os sub-grupos — filhos de advogados, filhos de magistrados, etc.

Neste momento revejo aquele curso de caloiros nas aulas de História do Direito de Romano e nas de Introdução ao Direito Civil do saudoso Prof. Cabral de Moncada. Que foi a notícia da morte dele que me fez remexer neste passado, que me fez revolver cinzas que por cinzas tinha e quisera não lembrar, não porque se liguem a más recordações, antes porque escondem momentos e aspirações belas nunca repetidas ou realizadas.

Foi a memória dele que me fez «ver» de novo nas carteiras daquelas salas a dar para os Gerais, «vê-lo» a prelecionar, com toda a distinção e elegância que o distinguíam, a sua fineza de trato, o brilho da sua inteligência, o interesse das suas lições.

Se ministrava inteligentemente a História do Direito Romano fazendo-os conhecer os princípios desse direito através da evolução das instituições e do processo e orgânica da justiça, tornando vivo um sistema morto, na Introdução ao Estudo do Direito Civil não apenas prelecionava a parte histórica e os princípios teóricos dominantes do Direito Civil, como, depois fazia uma análise exaustiva da matéria do Código Civil e legislação que em parte, o revogava, a que modestamente chamava uma «visão panorâmica do Código Civil».

Da profundidade dessa «panorâmica» fala o simples facto de o curso, em que calhei, ter saído da Faculdade sem nunca ter sabido do contrato de arrendamento se não aquilo que no seu exaustivo correr pelo Código fora nos ensinou.

Mas não era menos de temer o seu espírito irónico, e sua observação sarcástica, com que castigava nas aulas práticas os cábulas ou os menos aptos.

Voltaria a tê-lo como Mestre no fim do curso, no último ano; lutou sempre o Mestre por que fosse ministrada no curso uma cadeira de Filosofia do Direito, até que a sua luta teve o justo prémio da vitória. Finalmente, viu ser integrada no curso essa cadeira — e coube ao curso a que pertenci ser o primeiro que a frequentou.

Céus, que coisa terrível aquilo foi! As palestras eram duma elevação excepcional, mas a nossa impreparação e falta de cultura filosófica não nos consentiam acompanhá-lo nos seus raciocínios e na sua exposição; e teríamos estado próximo da catástrofe, não fora o seu espírito conativo nos actos de fim de ano.

Difícil esquecer a sua figura, a elegância do seu espírito, a vastidão da sua cultura filosófica.

Numa reunião de curso, talvez há 13 anos, um seu genro, nosso condiscípulo, preparou-o para receber em casa o curso reunido em Coimbra, o que era tarefa delicada, dada a sua emotividade e sensibilidade: extraordinariamente, reconheceu-nos a todos e a alguns, como eu, que não mais vira desde que saíramos da Faculdade, tratou-nos pelo nome completo, como se todos os dias houvessemos convivido. Compreendi então (só então), como o mestre se dedicava aos cursos que regia, como vivia para a docência, como o ensino era a sua vida.

Não mais o vi, embora tivesse em ocasionais idas a Coimbra procurar encontrá-lo «casualmente» em lugares que sabia costumar frequentar nos raros momentos em que saía de casa.

A homenagem à sua memória impunha-me o silêncio deste fim de semana, que vai só de mim e da nostalgia e choro do meu, e só meu, passado — meu e, creio, de quantos foram seus alunos. Se algum, porventura me ler, comungará comigo nesta oração sem Deus.

Março, 1974.

Vasco Luís

VIDA REGIONAL

ANTA

OS NOSSOS «BURACOS»

Todos nos lamentamos com a falta de estradas que nos permitam «puxar» pela primeira-segunda-terceira-quarta e... do nosso carro. Há um coro lacrimoso rodeando esta realidade. Os desastres são testemunhas que advogam tal situação. O peão esquece que o perigo é iminente em cada passada que dá fora da sua porta. As mais das vezes, por uma questão de afronta, o encolher de ombros significa que o condutor deve desviar-se. Não há estradas próprias para a competição, entre «motorizadas» e automóveis, que diariamente se opera. Todos esquecemos que dentro de nós existe um campeão do volante, seja qual seja o apoio do mesmo. O campeão enfurece-se quando é ultrapassado mais que duas vezes ao domingo e mais que uma à semana. Não resiste a dar uma lição, quer cívica... quer de perícia, ao espertinho que teve a veleidade de apoucar as maravilhosas parselhas formadas pela alta educação e pela sua arte em conduzir máquinas de quatro rodas. Isto acontece a todos e quase todos os dias santos e não santos.

Um dia destes no cruzamento da Rua 19 com a variante que liga Anta à Ponte de Anta, passando pela Quinta, seguia um automóvel moderadamente para o Porto, vindo de Anta, quando, como se fora um tornado, cruza um «motorizada» vindo de Espinho (Rua 19) com condutor e suplente. O carro não teve tempo de ver se eram moças ou moços os ocupantes do veículo, tal foi a rapidez-surpresa com que lhe passou pelas barbas o «foguetão», parecendo ao condutor do auto ter havido, da sua parte, uma alucinação devida ao sol fulgurante que nesse dia dardejava. Os escassos centímetros que sobram entre os dois veículos não permitiam a passagem de um fio de prumo.

O mal também é nosso. Choremos pelas nossas desvirtudes. E ainda pela falta de sinalização competente. E ainda por quem a faça cumprir. E ainda por esta louca mocidade que a muitas de nós já fugiu.

Os «buracos» nesta nossa terra à beira mar plantada, são aos punhados.

Senão vejamos o descuido que se nota na limpeza das bermas, em especial cá em cima, além das estradas que de estreitas já magoam. Não restam dúvidas de que além da magreza da via, o lixo acumulado nas bermas diminui o espaço de rodagem.

Poucos são os particulares que esmeram as frentes dos seus prédios ao ponto de não consentirem que o lixo lhes faça companhia cerrada. Não seria lógico que cada um de nós tomasse de sua conta a limpeza das bermas que lhes estão adestradas? Isto não é inédito no nosso civilizado país. Basta reparar nas bermas de algumas povoações nossas vizinhas e perguntar quem trata dessa depoluição e logo se saberá a resposta.

Não deixo de recordar que nos meus verdes anos assistia anualmente à limpeza da vala ou rego que servia de conduta para rega dos terrenos sem água própria. Esse rego iniciava-se junto à Gruta da Lomba, aproveitando-se a água do rio Bajunco, límpida nesse tempo, e serpenteava pelo pequeno vale que termina no rio Largo (muitos nomes tem este rio). A extensão que eu acompanhava era talvez um terço do seu todo. Todos os entestantes se combinavam para em determinada semana do ano procederem à limpeza do dito rego. Formavam uma equipa para o efeito, cabendo a cada utente a obrigação de enviar alguém da sua casa cumprir com o acordo. Assim se procedia e assim se tem feito em algumas terras do nosso país. Basta ler os jornais. Como se vê são horas de limpar as nossas nódoas. E não adianta olhar para o vizinho porque «todos sujam as cuecas um nadinha» como dizia um amigo meu. E posto isto resta-me desejar coragem a todos aqueles que têm umas frentes jeitosas... porque quem as tiver pequenas, meia vassourada chega.

30.9.74

ERRO

Ao Povo de Espinho

Ocorre, no próximo sábado, mais um aniversário da proclamação da República. Dada a importância do acontecimento, que constitui uma viragem decisiva na evolução histórica do nosso País, pretende-se que, no corrente ano, a tal evento seja dado o relevo devido.

Para esse efeito a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho correspondendo ao desejo da «Comissão Nacional das Comemorações do 5 de Outubro» constituída sob a égide do Governo Provisório e com o qual inteiramente se solidariza, resolve comemorar tão gloriosa data da forma seguinte:

1.º — Proceder ao hasteamento da Bandeira Nacional no Edifício dos Paços do Concelho pelas 9 horas, com guarda de honra prestada pelas Corporações dos Bombeiros Voluntários, que prontamente deram a sua adesão, bem assim como com a presença dos representantes das autarquias locais de associações cívicas, dos partidos políticos e dos sindicatos, das autoridades civis e militares, cuja pronta colaboração desde já se agradece;

2.º — Romagem com partida pelas 10 horas, do Largo dos Combatentes da Grande Guerra, ao cemitério onde repousam os restos mortais de conhecidos republicanos, democratas e antifascistas como Dr. José de Oliveira Salvador, Dr. Manuel Gomes de Almeida, João Martins

Branco, Soeiro Pereira Gomes, Luiz Duarte, António Loureiro, José de Jesus Alves e tantos outros que a morte ceifou ao longo da noite fascista de 48 anos;

3.º — Deliberou a Comissão Administrativa para comemorar este dia dar o nome do Dr. José Oliveira Salvador ao Largo fronteiro à Câmara e sob proposta do Partido Socialista Português o nome de General Humberto Delgado a Rua 23, o nome de João Martins Branco à Rua 16, o nome de Dr. Manuel Laranjeira à Avenida 8 e sob proposta do Movimento Democrático Português dar o nome do grande democrata espinhense adoptivo e eminente cirurgião Dr. Manuel Gomes de Almeida a Rua 8;

4.º — A Comissão Administrativa resolveu também dar todo o apoio ao Comício promovido pelo Movimento Democrático Português, Partido Socialista Português e Partido Comunista Português a levar a efeito na Piscina pelas 21,30 horas.

Povo de Espinho, participa activamente nestas comemorações dando o teu apoio ao Governo Provisório que está sinceramente empenhado em estabelecer uma verdadeira ordem democrática no nosso País.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho

A VENDA DE 100 ARMAS

permitiu penetrar na rede conspiratória

(Continuação da pág. 1)

prensa e nomeadamente pelo EXPRESSO: A reunião de 300 ex-ANPs na quinta de Elmano Alves (agora preso), a detenção do Conde de Caria (agora preso) à sua saída para o estrangeiro pelo que na altura se disse ser fuga de capitais, a prisão de algumas pessoas «para averiguações» em Maio passado, logo postas em liberdade, entre as quais algumas constam da presente lista (como Fernando Bobone), a descoberta de armas e treinos de tiro em herdades do Alentejo onde, por graça, se contava até que «tinha passado a caçar-se muito às perdizes de noite».

«A rede estava à vista, viam-se-lhe os contornos e os objectivos, faltava o «toque» final que nos fizesse ter a certeza». E então tentou-se: alguém, por nós escolhido, entrou em contacto com uma senhora (agora presa), elemento de ligação de um grupo financeiro, a quem ofereceu cem armas para compra. E eles compraram.

A combinação era simples, daquela simplicidade que só as pessoas com altas protecções usam: duas carrinhas trocariam a encomenda em pleno dia, na estrada. Fingiu-se uma avaria na que iria fornecer o material o que — por menor engraçado — levou a senhora a, pressionada pela urgência («precisamos das armas antes deste fim de semana», não cessava de repetir), sugerir que a contactassem para entrega das mesmas no edifício Castil, apartamento D, 12.º andar (o qual, curiosamente era o poiso da comissão organizadora da «manifestação silenciosa», onde o COPCON, dias antes, encontrara milhares de cartazes, quando lá fora «para conversar»).

E assim se pegou por uma ponta do fio tecente a uma meada que ainda está a desbobinar-se.

As 19,20 saíram 12 membros do COPCON com Otel Saraiva de Carvalho que, nos seus carros particulares, arrancaram para missões distribuídas de modo muito semelhante ao de 25 de Abril. Fizeram-se duas prisões ainda na noite de sexta-feira e as restantes foram ao longo do dia de sábado e domingo.

Outra ponta da meada havia de descobrir-se quase por acaso na mesma noite de sexta-feira. Alguém de vigia no exterior da residência do Primeiro-Ministro verificou um vaivém inusitado em frente da casa de esquina da Rua Borges Carneiro, n.º 42. Além de um guarda de arma e camuflado, foram encontrados no 1.º E. sete pessoas que foram detidas, embora entre eles não se encontrasse nenhum dos elementos dirigentes da organização aí instalada. Trata-se do MAP (Movimento de Acção Portuguesa), presidido pelo prof. Guilherme Braga da Cruz, e contando também com Alberto Correia de Barros, Luís de Sena Esteves e Rodrigo Emilio Ribeiro de Melo. Encontraram-se no local, além de ficheiros, listas e planos de atentados (de que constavam os nomes do General Spínola e de Melo Antunes) e uma espingarda com mira telescópica «apontada para o segundo degrau da escada da residência do Primeiro-Ministro», segundo informações de um dos guardas que participaram no assalto.

A estas pontas, outra ponta se veio acrescentar, e essa inesperadamente para as próprias Forças Armadas. Desencadeado o processo, desencadeou-se também o da prisão de alguns elementos já detectados pela Comissão de Saneamento da PIDE-Legião como pertencentes a redes de informadores dentro das empresas, prisões essas que estavam previstas para daí a uns dias, até porque alguns nomes coincidiavam nas listas oriundas dos dois serviços.

Temos assim que a relação de detidos foi constituída por pessoas incriminadas de lados diferentes e algumas de vários ao mesmo tempo, constituindo todas elas esse núcleo de reacção que vinha desencadeando lenta mas seguramente pequenas provocações como foi a da revolta dos «pídes» na Penitenciária. Trata-se, como é óbvio, de explorar a emotividade das pessoas e despertar-lhes o atávico medo «dos comunistas e da revolução» a pouco e pouco e de ir tomando o pulso à resposta das massas populares.

(Do «EXPRESSO»)

A Sociedade Construtora Ideal de Espinho, Lda.

Informa que ainda tem para VENDER, sem pagamento de sisa, DOIS APARTAMENTOS no prédio que construiu — COM ELEVADOR — no ângulo das ruas 12 e 31. Podem ser vistos, todos os dias, das 8 às 18 horas. Para qualquer informação, no nosso escritório ou pelo telefone 920642

ECOS DO NOSSO TEMPO

O tempo das vacas gordas

«O tempo das vacas gordas acabou!»

Quando Marcelo Caetano numa das suas «familiares» comunicações ao país repetiu esta frase bíblica, esse tempo há muito tinha acabado para largas camadas populacionais que só e sempre conheceram o tempo das vacas magras.

Querira ele dizer na sua que a média e grande burguesia teriam também de puxar os cordões à bolsa até então intocáveis para assim continuar a alimentar-se o megalómano sonho imperial de sua e doutras excelências que se tinham enchido à custa da tragédia ultramarina. O Zé povinho além de dar os filhos para o combate continuaria a apertar o cinto mais e mais pois a espiral inflacionária não pararia, mas o Zé que se lixasse, pois já estava habituado, segundo diziam os das «vacas gordas».

Porém, agora, nem estes, pelos vistos, iriam escapar. Se queriam «ordem» nas ruas e digestões perfeitas, com Caxias, Aljube e Peniche a funcionarem convenientemente, teriam de aguentar os impostos e outros «mimos», em perspectiva.

Assim, qualquer pessoa medianamente inteligente terá de reconhecer que o surto inflacionista atingiria em 1974 níveis nunca registados e que o 25 de Abril veio, indiscutivelmente, pôr um travão ao caos que se avizinhava.

Se o Movimento das Forças Armadas não surgisse, por quanto pagaríamos hoje uma posta de bacalhau? E um quilo de pão? E um litro de azeite?

Há dias ouvindo um alto dirigente do Ministério do Trabalho soube que, não obstante o processo de descolonização estar em marcha, há compromissos tomados pelo anterior regime para a compra de material de guerra (que irá parar à sucata, certamente) os quais continuarão a onerar os orçamentos nacionais por largo tempo.

Por isso, os das «vacas magras» só poderão respirar quando a desnacionalizante política fascista estiver devidamente saneada e se possa elaborar o primeiro Orçamento de Paz.

Não é justo que se queira agora impingir — e os boateiros reaccionários fá-lo-ão sem dúvida — ao Governo Provisório o agravamento dos preços que se tem vindo a registar, por tal ser de absoluta responsabilidade de quem nos desgovernou durante 48 anos. Em cinco meses não pode erguer-se um dique que detenha a torrente caudalosa de corrupções, mentiras, fraudes e orçamentos viciados amontoados ao longo de quinhentos e setenta e seis meses...

Além de ilógico seria ridículo!

Até porque quem anunciou ao país que o tempo das «vacas gordas» tinha acabado foi Marcelo Caetano e não o General Spínola...

Venerando de Matos

(In «BADALADAS»)

Para que o país viva

Estão estabelecidas as bases do saneamento e compete a todos usá-las com justiça, isenção e objectividade, bem separando do interesse nacional, que terá de assentar num humanismo revolucionário de acordo com o nosso temperamento, meras razões pessoais, por justificadas que sejam, de uma atitude vindicativa. Não é vingança que o País terá de tirar dos seus inimigos mas a plena responsabilização dos actos cometidos. Para que o País viva, para que não volte mais o ódio ao trabalhador, o ódio à cultura, o ódio à liberdade. Para que o País viva, é necessário dinamizar todas as forças produtivas, evitar desperdícios, neutralizar situações injustas de acumulações de ordenados, estabelecer uma consciência de responsabilidade colectiva, ressuscitar vidas latentes ou adormecidas, encadear energias. Para que o País viva, é necessário reconhecer, dar audiência e apoio às forças políticas que o defenderam durante a noite fascista mantendo acordados, perante a indiferença de tantos, os ideais e as consciências; porque elas têm a coragem, a isenção e até os conhecimentos adequados para o reestruturar e fazer progredir.

Mas para que o País viva também é necessário neutralizar tudo que à sua vida se oponha, citando todos para a defesa da democracia, já que uma dura e trágica experiência nos revelou ser ela o único caminho que levará a um futuro digno e civilizado.

Para que o País viva neutralizem-se todos que, vivendo da intriga sórdida e oportunista, se opõem à cultura e esclarecimento do Povo, laçaios dos que, sentados nas poltronas de irresponsabilidade e da invulnerabilidade, o condenaram a uma estagnação cultural de meio século, cientes de que a ignorância é a mais sólida amarra à escravidão, certos de que, se o Povo não souber distinguir os que o servem dos que o exploram, será presa fácil de todos os seus inimigos.

E, se a víbora fascista levantar a cabeça, esmaguemo-la impiedosamente. Para que Portugal viva.

(In «DIÁRIO DE LISBOA»)

Fobia ao vermelho

Estavam lá cinco mil pessoas, que se mantiveram na melhor das composturas, manifestando o seu aplauso sem exageros condenáveis, nem histerismos de reprovar. Isso aconteceu ontem à noite no Coliseu. O mesmo, parece, não terá acontecido em outro espectáculo da noite lisboeta. Diferenças de público, está bem de ver. O que é estranho é que este tipo de público insiste em rotular-se de «maioria silenciosa» quando dá provas indesejáveis do seu desejo exasperado de fazer barulho. Esse sector do público, verdade se diga, escolheu o sítio próprio para se manifestar, dada a sua comprovada fobia ao vermelho. No Campo Pequeno, está certo. Mas só aí. Lembremo-nos do que aconteceu há dois anos, quando se resolveu autorizar uma largada de toiros em Lisboa. Que não se repita, pois, a autorização.

V.D.

(da «REPÚBLICA»)

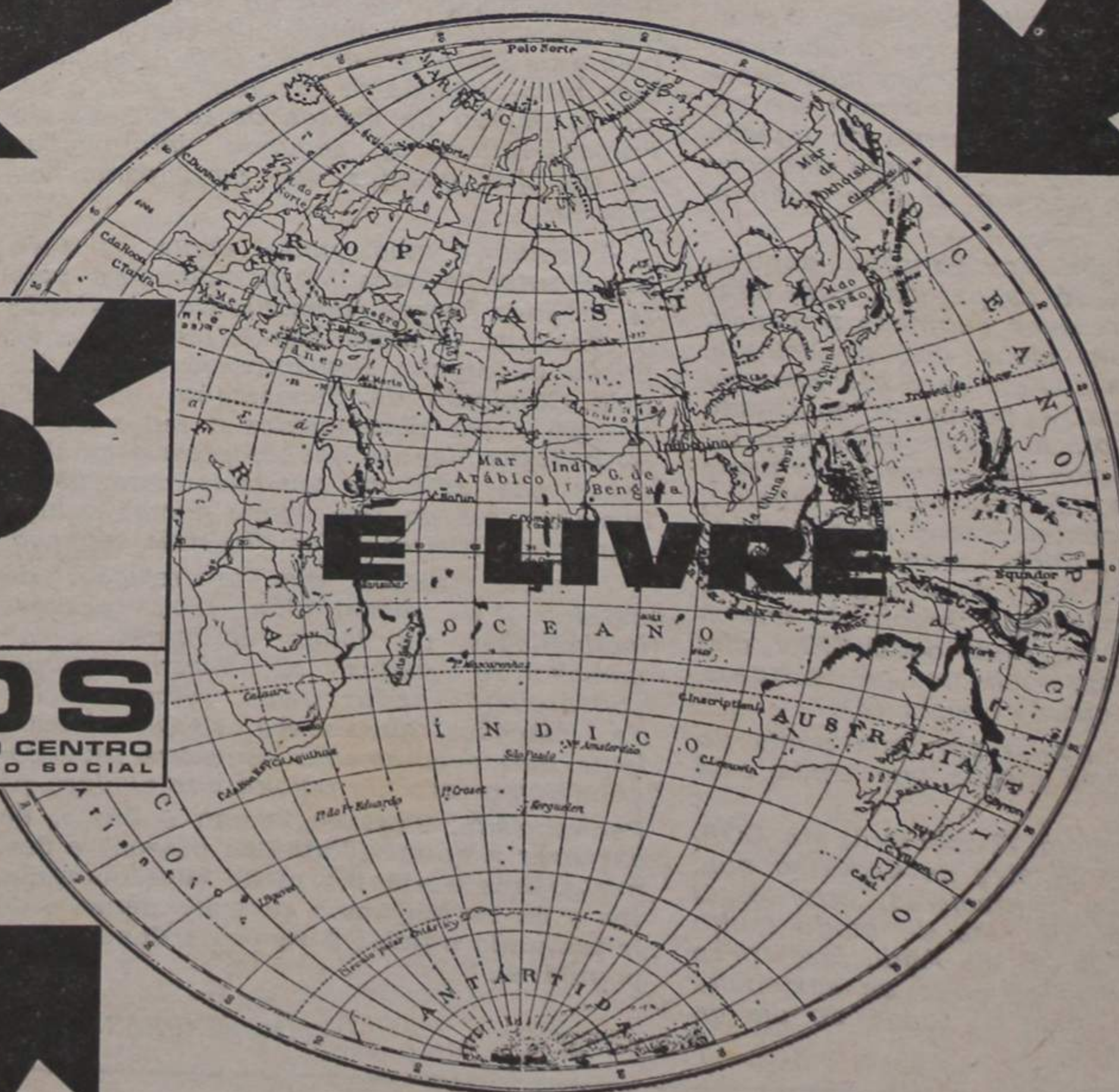
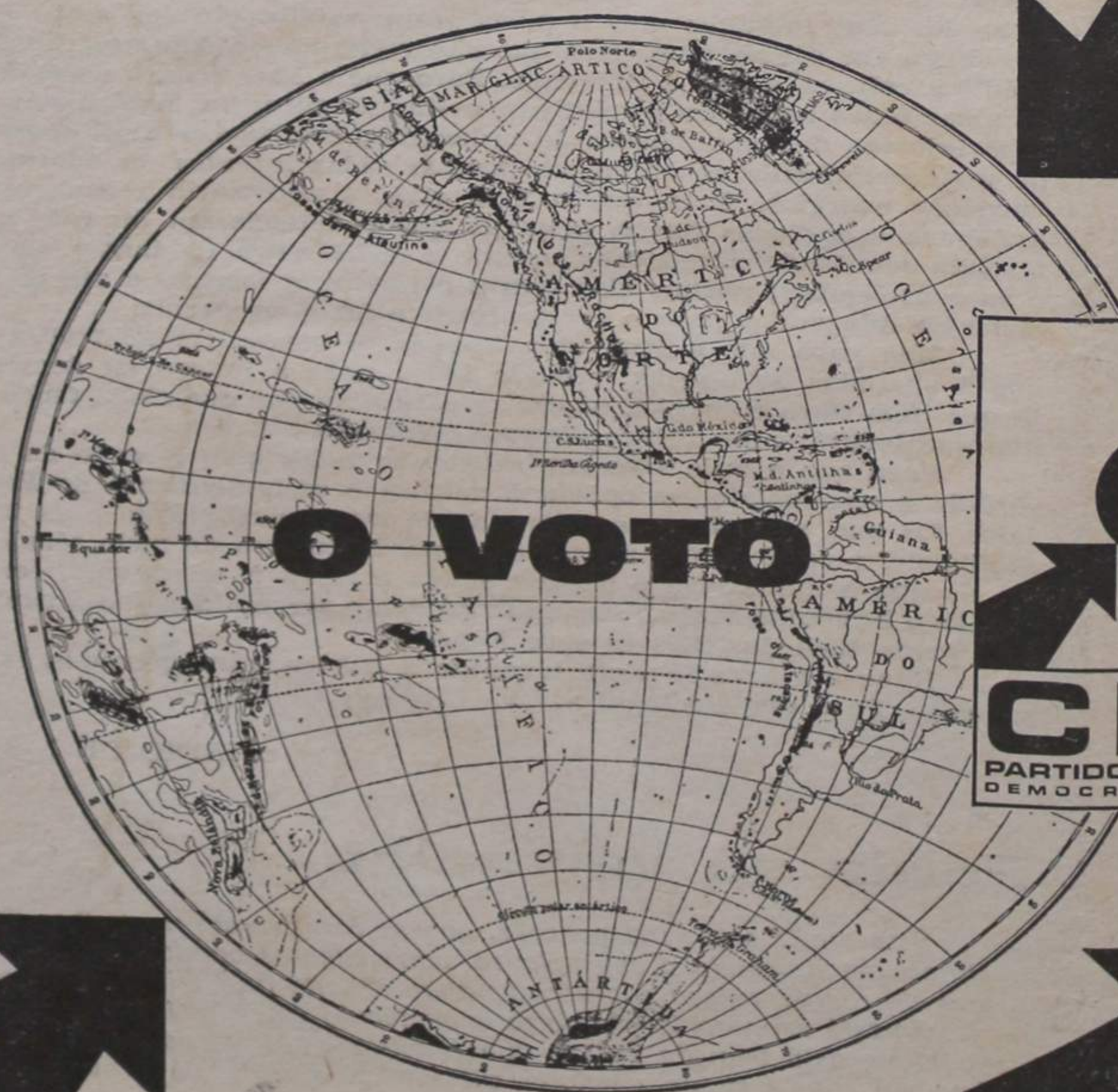


**Quando vir este símbolo
então saberá que pode
contar com um Serviço
Bancário completo.**



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

AO EMIGRANTE TAMBÉM



QUEREMOS RESPONDER



desporto



HÓQUEI EM PATINS

Nacional da 2.^a Divisão
2.^o MÃO DA FINAL

Parede F. C., 5 — A. A. E., 2

Vencedor do campeonato: Parede F. C.

A equipa de hóquei da A. A. E. deslocou-se no último fim de semana a Parede, onde defrontou a equipa local, levando na bagagem uma pequena vantagem de dois golos, mas também a esperança de um regresso vitorioso. Na 1.^a parte tudo fazia crer que realmente assim aconteceria, uma vez que o resultado de 2-2, era esperançoso, tendo ainda sido anulado um golo a Rui Lacerda, golo limpo, assinalado pelo árbitro, mas que em face dos protestos dos jogadores do Parede, viria a ser (mal) anulado. No entanto, o cansaço que se pressentia nos jogadores da Académica poderia vir a ter consequências nefastas.

Iniciou-se o segundo tempo com o Parede lançado ao ataque, e com a Académica, possuidora de melhor técnica individual e explanação táctica a aguentar bem o ritmo do adversário. Neste período, pode a Académica queixar-se da não marcação de dois penalties a seu favor, vindo a perder afinal, a um minuto do fim, na transformação de uma grande penalidade, perfeitamente evitável.

Em resumo, venceu a equipa mais feliz, e a que, no conjunto das duas eliminatórias foi mais favorecida pelas arbitragens (o golo assi-

nalado em Espinho ao Parede, bem como o invalidado em Parede à Académica, para além dos dois penalties, já referidos, foram decisivos para o apuramento do vencedor final).

Uma palavra para os briosos atletas da Associação Académica, lutadores até à exaustão, demonstrando um espírito de sacrifício e amor à camisola, sempre dignos de realce.

No final do encontro, foram credores duma extraordinária ovação da assistência presente, prémio merecido, para quem, apesar de (mal) vencido, soube aceitar a derrota com o maior desportivismo, irmanando-se com o adversário na alegria da vitória.

Uma palavra ainda para a extraordinária simpatia dos dirigentes do Parede, inexcusáveis nas atenções dispensadas para com a comitiva da Académica, iniciando-se, assim o esperamos, uma nova era de relações amistosas entre as duas colectividades e consequentemente, entre as duas localidades.

A Académica alinhou com: Diamantino, Vladimiro (1), Rui Lacerda (1), Raul e Alcino; Jorge, Martins e Sobral.

FUTEBOL

Nacional da 1.^a Divisão

S. C. de Espinho, 2 — União de Tomar, 1

S. C. ESPINHO: Aníbal; Bernardo da Velha, Waldemar, Simplício e Gonçalves; Meireles, Washington e Júlio; Augusto, Telé e Malagueta.

Substituições: cerca de 20 m. da 2.^a parte João Carlos rendeu Washington e aos 25 m. saiu Augusto para entrar Ferreira da Costa.

U. TOMAR: Morais; Carvalho, Calado, Zeca e Fernandes; Florival, Faustino e Raul Aguas; Pavão, Nh'bola e Bolota.

Substituições: No 2.^o tempo entrou, aos 10 m. Camolas a substituir Florival e aos 30 m. saiu Pavão e entrou Barrinha.

Marcadores: Nh'bola (a 1 m.), Washington (aos 43 m.) e Telé (aos 37 da 2.^a parte).

Arbitragem: do portuense Bastos da Silva.

Quem foi ao Campo da Avenida para assistir a um jogo da 1.^a divisão saiu desiludido. O futebol foi de 2.^a, talvez por influência da maioria dos jogadores que actuaram ainda há pouco militarem na divisão secundária.

Sofrendo um golo logo no 1.^o minuto, os jogadores do S. C. Espinho procuraram não se deixar afectar pelo acontecimento. Não aparentaram de imediato nervosismo pernicioso, mas a verdade é que a exibição não atingiu o grau desejado. O União de Tomar constituía opositor com sentido de contra-ataque razoável e estava bem escalonado no terreno, com um jogador solto à frente do quatro defensivo que ajudava a perturbar a acção do meio campo espinhense quando avançava a apoiar o ataque.

Não esmoreceram os atletas locais e lançaram-se abertamente na ofensiva à procura do tento do empate. Oportunidades não faltaram, mas acabou por resultar de um lance confuso, em cima da linha de golo, o toque certo que colocou o 1-1 no marcador, prestes a findar a 1.^a parte.

Depois do intervalo aumentou o assédio espinhense à baliza contrária. Os tomarenses só saíram do seu meio-campo atrás da bola que os defensores aliviavam em despachos longos. No entanto o domínio dos jogadores da casa não se concretizava em golos. Nasciam as joga-

das pela faixa direita do campo, as bolas eram cruzadas pela frente da baliza nabantina, mas na extrema-esquerda espinhense faltava o jogador que as aproveitasse devidamente.

Parecia que na 1.^a meia-hora da 2.^a parte os atletas do S. C. Espinho acreditavam era no jogo das probabilidades. Tantas bolas chegariam às imediações das redes contrárias que alguma haveria de entrar. E entrou. Valeu os 2 pontos. Depois viu-se o Tomar a procurar o empate mas o S. C. Espinho, a beneficiar das substituições, estava senhor da partida.

Numa apreciação global ao labor da equipa espinhense anota-se que a defesa, exceptuando um ou outro momento de atrapalhação, aguentou bem o desquite a que foi chamada. O meio-campo e a avançada actuaram sem atingir mérito assinalável. Individualmente aponte-se o trabalho certo de Waldemar, a regularidade de Júlio e a actuação de Augusto, mais consciente do que é habitual, a procurar dosear o entusiasmo de sempre com um melhor sentido de jogo.

A actuação do árbitro agradou, dando a sensação que não lhe ofereceram dúvidas a marcação dos golos espinhenses, contestados pelos tomarenses, pois estava bem colocado no terreno de jogo.

5.^a JORNADA:

FARENSE-S. C. ESPINHO

Neste fim de semana o S. C. Espinho faz uma das suas viagens mais longas. Vai ao Algarve defrontar o Farense, o clube treinado por Lino que a época passada ajudou o Sporting na conquista do título.

O clube algarvio não se reforçou muito este ano. Entraram Amâncio (ex-Setúbal), Jacques e Domingos (ambos do Lusitano V. R. S. António) e subiram os ex-juniões Barbosa, Angelo, Inácio e Manuel. Saíram vários jogadores, entre eles Alhinho II, Rui Paulino, Pena, Sobral e Florival.

A equipa de Faro já soma 5 pontos, 3 conquistados fora e 2 em casa frente ao Leixões que, segundo a crítica, foram difíceis de obter. Será que o Farense também é equipa que prefere o contra-ataque? Terá espaços livres, a jogar em casa, para ultrapassar a defesa espinhense. E jogo em que também não há vencedor antecipado.

Lugares cativos no «AVENIDA»

Conforme noticiamos, têm sido bastante procurados os lugares cativos que passarão a existir na nova bancada do Campo da Avenida, cuja utilização se fará no encontro do dia 27 deste mês, contra o Benfica, já esperado com enorme expectativa.

Restam poucos, desses lugares, porém devemos esclarecer que o seu preço único é de 1.000\$00 por duas épocas, pois a nossa última notícia terá criado confusão nalgum dos interessados, pensando-se ser possível a aquisição do «cativo» apenas por uma época, naturalmente por metade do preço, modalidade esta inviável como se compreende, por diversas razões e em virtude de prejudicar a intenção do lançamento da iniciativa.

Portanto, os lugares cativos custam exactamente 1.000\$00, dando direito a duas épocas de utilização e... já restam muito poucos.

GINÁSTICA NA ACADEMICA

Vai recomeçar a actividade da ginástica na A. A. E., prosseguindo um labor positivo e frutífero. As inscrições estão desde já abertas tanto na sede como no Pavilhão do clube.

Tapetes para automóveis

Por cada jogo de tapetes oferece-se uma cassette ou cartucho com música gravada

ALCATIFAS, CARPETES e TAPETES

— Rua 22 n.º 1190-1192 —

Telefs. 922171/921556 — ESPINHO

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausano e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

RETOMOU A CLINICA

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218
ESPINHO

A DEFESA precisa de mais assinantes



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL.

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

9 9
2 2
1 1
3 9
2 6
2 6

Colégio de N.^a Sr.^a da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil - Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas - Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

GAZETILHA

Cantando e rindo

*Impondo a sua vaidade,
Perde o que tem de melhor;
Só a agir com humildade
Pode ver se tem valor.*

*—«Sou de raça, sou de casta,
Hei-de ser o que quiser!»
O ser, apenas não basta:
É preciso — saber ser.*

*O seu desmedido orgulho
É surdo, à voz da razão;
Jogando tudo ao «barulho»,
Perde... com trunfos na mão!*

*Se insiste por senda errada,
Acaba por se perder.
Volte atrás, à encruzilhada,
Caminho certo a escolher.*

*Pôr-se a soprar à fogueira
Da ambição — é veleidade:
Obtém o fim que requeira
Com jeito... e em tranquilidade.*

*Quebrando a monotonia
Destes conceitos morais,
Comente-se o dia-a-dia
Dos eventos actuais:*

*Embora bem preparada,
Aquele grande tourada,
Foi trapaça que falhou:
Rotundamente abortou!*

*Tempo, em boletim final:
— Após séria «depressão»,
A «superfície frontal»
Entrou... em dissipação.*

Alberto Barbosa (BEKA)

RASCUNHOS

Enquanto bato nas pobres teclas da máquina, os olhos fogem-me para o aparelho da Televisão. As sombras no cinescópio mostram-me uma bela sueca de ar angélico, Ingrid Bergman. Contrapondo com ela, um francês canastrão e cínico, Charles Boyer. Num filme da minha juventude, tão importante que já me não lembra o argumento, embora suspeito que a história era bastante estranha e com um fio policial.

Involuntariamente correm-me no computador cerebral montes de imagens de montes de filmes que consumi, uns atrás dos outros, quando sofria de uma filmofagia que só me fazia estar bem quando encerrado entre as quatro paredes da sala escura do cinema. Quantos me deixaram recordações fortes, imperecíveis? Muito poucos. Noventa e nove vírgula nove por cento esvairam-se na memória.

E, de pensamento em pensamento, retrocedo à época em que ainda usava calções curtos, fazia a escola primária, nas primeiras classes, dormia as noites todas sem sobressaltos nem preocupações. Quando meu pai (que era para mim — e ainda é hoje — o melhor pai do mundo) volta e meia me levava ao Porto, naquelas confortáveis carruagens da CP que ainda não desapareceram de todo. Ocasão que me dava o prazer infinito de, do alto da ponte de D. Maria

Pia, ver lá em baixo os homens e mulheres pequeninos que pareciam os «santos» da minha cascata de Junho.

Uma vez levou-me à cidade invicta ao Águia d'Ouro. Para ver o primeiro filme sonoro português — «A Severa». Era a grande viragem da sétima arte que deixara de ser só imagem para ser também voz. Toda a sala de espectáculos que se prezava instalava o cinema sonoro e fazia-lhe farta propaganda. Passado pouco tempo Espinho — que tem sido uma povoação bastante «up-to-date» — também tinha cinema sonoro. No Cine-Jardim-Recreio, um barracão coberto a chapa de zinco cuja tela dava costas à Rua 15, onde hoje está uma fábrica de vassouras. Pois o Cine-Jardim inaugurou o «sonoro» com a tal «Severa». Não foi dessa que bisei a visão da fita fadista e marialva. Mas, em passeio, calcorrei a Rua 15 no momento da projecção da tarde e vi então um número razoável de pessoas que se «consolavam» a ouvir a banda sonora da fita, num tempo em que ter rádio era um luxo e ninguém pensava sequer na televisão.

Parece que estou a ficar velho ou será que o mundo se modifica com demasiada rapidez?

C. P. M.

Vamos jogar Xadrez

PIÃO ATRASADO

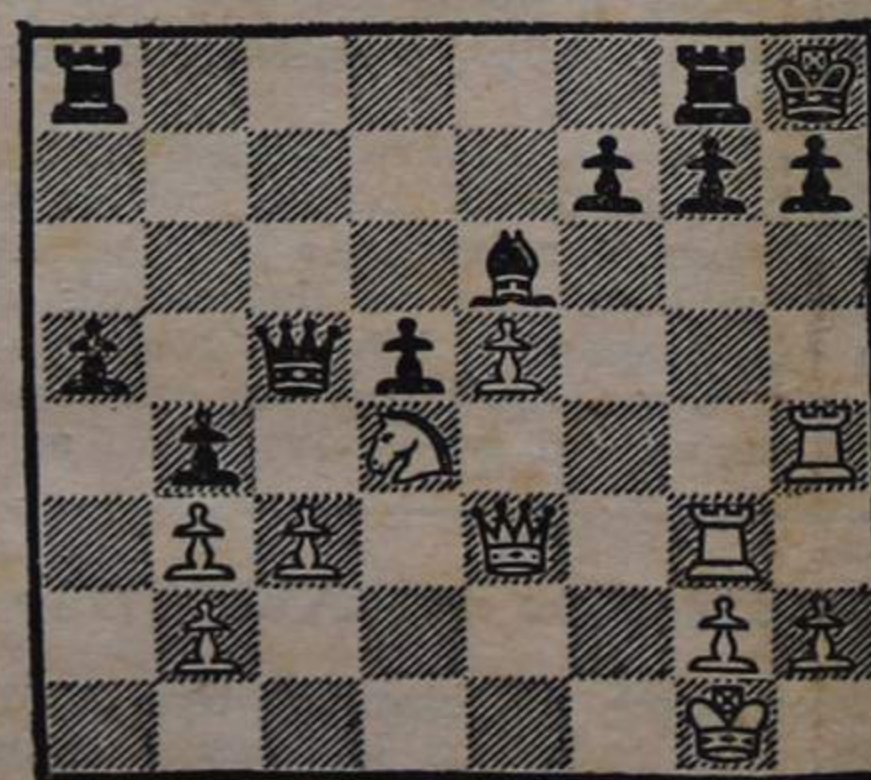
Entre os piões fracos, aquele que se acha atrasado, quer dizer, que não avançou a par do seu vizinho, é um dos mais incómodos. É sobretudo perigoso quando se encontra sobre uma coluna aberta para o adversário. No presente exemplo, tal é a situação de P2BD das pretas, pois estas, com o seu par de bispos, teriam o melhor jogo se este pião pudesse ser avançado para 4BD e ainda melhor a 5BD. Porém isto é impossível, pelo que a debilidade é constante e desagradável.

ABERTURA RUY LOPEZ

1. P4R, P4R; 2. C3BR, C3BD; 3. B5C, P3TD; 4. B4T, C3B; 5. 0-0, CXP; 6. P4D, P4CD; 7. B3C, P4D; 8. PXP, B3R; 9. F3B, B2R; 10. CD2D, 0-0; 11. D2R, C4B; 12. C4D, CXC?

Devia-se continuar com 12... CXB; e se 13. CDXC, D2D; 13. PXC, CXB; 14. CXC.

O P2BD preto está atrasado e muito fraco não podendo avançar mais além da fraca casa 3BD.



PROBLEMA N.º 3

E agora vamos apresentar o problema desta semana.

Mediante uma enérgica jogada, as brancas obrigarão o adversário a abandonar, já que não há forma de impedir tão fulminante desenlace. Descobrirá o leitor qual a linha ganhadora?

AS BRANCAS JOGAM E GANHAM

Tempo para solução:

Dois minutos para um jogador de primeira categoria; sete para um de segunda; vinte para um de terceira e trinta para um aficionado.

Solução do Problema N.º 2 apresentado na passada semana:

1. D6C! E as pretas abandonarão, já que se 1... B5C; 2. TXB!, PXT; 3. P6T com mate imparável.

NOTA:

Na consideração feita a semana passada sobre «peça fechada e mal de-

envolvida» ao descrever o 14.º lance foi omitido o movimento das brancas, que devia ter sido DXB.

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *
GIRASSOL
RUA SÁ DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

CASA LUCIANA **Boutique**

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»
e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

**A «Defesa» precisa de mais
assinantes**

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Bureau de Turismo

Rua 23

ESPINHO